

Palestra do Guia Pathwork® n° 088
Palestra não editada
15 de setembro de 1961

RELIGIÃO: VERDADEIRA E FALSA

Saudações, caríssimos amigos. Sejam todos bem-vindos! Bênçãos para cada um de vocês. Abençoada seja a temporada de trabalho que agora iniciamos e todas as suas facetas.

Antes de começar a palestra desta noite, gostaria de dirigir algumas palavras a todos os meus amigos que estão no caminho real, que estão de fato fazendo pesquisas interiores; que cumprem este programa intensivo de descoberta e conhecimento de si mesmos, sendo assim capazes de mudar e crescer como seres humanos mais felizes. Para vocês, este promete ser um ano excepcionalmente importante. O quanto avançarão, naturalmente dependerá de vocês. Mas chegou o momento, depois de todo o trabalho já feito, de lhes dar ferramentas melhores para trabalhar, por assim dizer. Se fizerem o máximo para se encontrarem com autenticidade poderão auferir maiores benefícios neste próximo ano. Será particularmente benéfica a combinação de trabalho em grupo e individual; o desenvolvimento e crescimento constantes, de acordo com suas necessidades e capacidades serão cada vez mais indispensáveis.

Para aqueles que estão fazendo um trabalho de autoconhecimento menos intenso, mas que também se esforçam, ouvindo e lendo estas palestras, pensando em parte no que aprenderam, procurando concentrar-se nessa tarefa também será um ano proveitoso – sem dúvida não no mesmo grau que para os outros que trabalham com regularidade e com ajuda. Mas, mesmo assim poderão obter alguns *insights* e esclarecimentos se realmente quiserem.

Portanto, vamos todos juntos gerar a intenção de cooperar uns com os outros, entender uns aos outros, entender a nós mesmos, e realmente fazer deste ano um avanço crucial no caminho. O material que assimilaram, o trabalho que fizeram até hoje, os preparou para o que está por vir.

E, agora meus amigos, à palestra. A primeira palestra da temporada terá como tema religião, verdadeira e falsa. Parte do que direi não será totalmente novo, mas poderão entender e aplicar em um nível mais profundo. A maior parte do que não for novidade para vocês é aquilo que só conhecem intelectualmente, enquanto as emoções ainda diferem bastante do conhecimento exterior. Determinar essa diferença será uma parte importante do trabalho a fazer.

O esforço divino, através de eras de existência da humanidade se voltou sempre no sentido de transmitir e informar a verdadeira religião para os homens. Mas ao lado desse esforço, passou a existir inevitável reação. Não se trata de antirreligião como poderiam acreditar, mas sim de falsa religião. A distorção da verdade aparece sob um disfarce que apresenta a falsidade como verdade. Se acompanharem a história das religiões, poderão detectar a tendência evidente gradual, mas firme com muitos recuos, do falso para o verdadeiro. Principalmente nos últimos tempos, apesar de todo o tumulto e confusão – ou talvez por causa disso – está mais forte do que nunca a tendência no sentido da verdadeira religião.

Quais são as principais diferenças entre a verdadeira e a falsa religião? Um dos principais determinantes é o seguinte conceito: na falsa religião, a obediência à autoridade é um dos grandes princípios. Em todas as religiões (mais em algumas, menos em outras) o conceito da obediência exerce um papel importante. A verdadeira religião não obedece. É livre. A verdadeira religião é um processo voluntário, um ato livre, autodeterminado, decorrente do entendimento. Faz a pessoa agir com base em sua plena convicção e não por causa de medo ou do desejo de agradar e aplacar um ser ou autoridade mais poderosa.

A obediência à autoridade tem sido incentivada pelos expoentes da religião com fundamento na meia verdade, no argumento apenas parcialmente válido de que a humanidade era subdesenvolvida demais no tocante à suas paixões para ser livre. Portanto, com o intuito de proteger a sociedade foi preciso introduzir e enfatizar o conceito da obediência. À primeira vista, isso pode parecer correto. Na realidade, não é. Embora seja verdade que, em geral, o desenvolvimento da humanidade como um todo não avançou o suficiente para eliminar os impulsos destrutivos, as leis que previnem essa destruição não precisam ser combinadas à religião. Em outras palavras, a religião não precisaria transmitir a ideia de uma autoridade divina grave e severa para prevenir o crime. Existem outros meios de atingir esse objetivo, através da legislação civil. É preciso não distorcer a religião nem evitar a verdade incentivando as tendências mais fracas, doentes e imaturas do homem. Essas tendências são exploradas para manter a falsa religião.

Graças ao trabalho neste caminho todos sabem que um dos maiores esforços pelos quais a sua consciência precisa passar, em oposição a suas tendências inconscientes, é o desejo (inconsciente) de continuar a ser uma criança dependente, protegida, de recusar a aparente dificuldade da idade adulta, da responsabilidade por si mesmo e da independência. Para a criança interna parece um esquema muito melhor continuarem impotentes e “forçar” o mundo adulto poderoso, ou Deus, ou qualquer substituto, a assumirem a responsabilidade pela vida, responsabilidade essa que deveria caber a vocês mesmos. Os efeitos enormemente prejudiciais que essa atitude tem sobre a personalidade somente serão descobertos quando esse processo atinge plenamente a consciência. Mas, inconscientemente, vocês lutam contra essa consciência, desejando (inconscientemente) que seja possível evitar as desvantagens da idade adulta ao conservar o desejo de serem crianças e recusando-se ao mesmo tempo a encarar as trágicas desvantagens de uma infância forçada ou prolongada. Essa atitude além de aleijar a alma, tem como desfecho torná-los impotentes e fracos, enquanto simplesmente não existe a autoridade divina que desejam que assuma as responsabilidades em seu lugar. Isso por sua vez provoca amargura, revolta e profunda sensação de injustiça, porque vocês acham que foram enganados. Afinal das contas obedeceram, muitas vezes ao pé da letra. Mas uma obediência desta espécie tem sempre a motivação errada: “Se eu obedecer, você me protegerá. Tomará decisões por mim. Não serei responsabilizado e minha recompensa será a felicidade por ser uma criancinha obediente.” Como Deus não “recompensa” essas atitudes doentias, fatalmente acharão que foram enganados. Não poderão evitar o sentimento de injustiça no mundo.

A falsa religião incentivou essa tendência doentia do homem, da qual tira proveito. Instituiu regras e dogmas e distorcendo a lei transformou-a em um conceito tão rígido que é fácil o homem ceder a essa atitude exigida pela autoridade religiosa. Esta incentivou o medo, a dependência e a impotência do homem, fomentando a tendência – embora frequentemente sutil – de humilhação e subserviência. Um efeito adicional e incapacitante é o de provocar desprezo e vergonha de si mesmo, o que muitas vezes encontra vazão tornando-se destrutivo em relação aos outros e também em relação ao eu. Esse conjunto de emoções é necessariamente seguido por revolta.

Sempre que veem em uma personalidade uma atitude predominante de medo, timidez, não afirmação, subserviência, obediência, existe também a revolta. Esta pode não estar na superfície, mas necessariamente existe! Não pode haver dúvidas a esse respeito. Pode ser uma batalha e tanto encontrar esse nível de revolta, amargura, hostilidade e tendências agressivas. Tal batalha é provocada pela resistência em abrir mão da acalentada autoimagem de pessoa “boa”. Essa necessidade de “bondade” é ocasionada principalmente pelo esforço oculto, mencionado acima, de permanecer como criança impotente, para que o mundo adulto (Deus ou a vida ou uma autoridade humana) sinta a necessidade de tomar conta da criança. E a criança somente “merecerá” esse cuidado bondoso se for “boa”.

Da mesma forma, se constatarem em um ser humano uma postura predominante de revolta, excesso de ênfase na independência, até o grau exagerado de separação, de isolamento, tendências hostis de dominação, dureza, negação de todas as leis e regras, podem estar certos que na medida em que existem todas essas atitudes emocionais, na mesma medida existem também, em algum grau, medo, subserviência e impotência. Nesse caso, porém, esta última atitude está fora de vista e da percepção. Ela provoca vergonha tão grande que a personalidade exterior assume a falsidade da liberdade e da independência, uma fraca imitação da realidade. Como a personalidade deseja muito evitar a luta da vida se encolhe como o tipo predominantemente temeroso e acomodaticio, mas tem vergonha desse desejo, dessa fraqueza, bem como da decepção de não conseguir impor sua vontade. Inconscientemente, acha que está sozinha. Ela, mais que todos é rejeitada por Deus, pela vida ou pela autoridade humana e essa vergonha precisa ser escondida a qualquer custo.

Estes dois tipos muito definidos – que muitas vezes aparecem em misturas e combinações menos óbvias – representam, claro, desvios psicológicos que sempre podem ser rastreados a influências dos pais e experiências da infância. No entanto, também é importante considerar essas manifestações do ponto de vista espiritual e religioso. A total percepção e entendimento dessas atitudes com todas suas reações em cadeia e subprodutos, mostrará como, interiormente, vocês se afastam das crenças conscientes.

Assim, quando existe fé, obediência e aplacamento exteriores, procurem descobrir não apenas a impotência, mas também um ressentimento oculto porque Deus não se interveio para lhes dar o que necessitam e querem, para levá-los pela mão, para fazer a vida entrar nos eixos, para eliminar da terra a crueldade e a injustiça, sofrimento e dor. Essas queixas genéricas são, em muitos casos, motivadas pela decepção subjetiva interior provocada pela sensação de “ninguém cuida de mim”.

Quando encontram revolta e agressividade manifestas, o impulso de excesso de independência, procurem descobrir se, lá no fundo, não existe o desejo da mão forte da autoridade superior totalmente boa e a decepção por não poderem encontrá-la.

Uma parte da tarefa de autoconhecimento é averiguar se existe, no fundo da sua alma a falsa religião, da qual emprestam preceitos religiosos que servem de esconderijo e desculpa para tendências infantis da recusa em crescer.

As opiniões corretas conscientes valem muito pouco quando a totalidade do seu ser não está impregnada das opiniões corretas. Se não viverem, experimentarem e sentirem as ideias corretas, os pensamentos corretos de nada valem. Estes são como casca vazia. É somente quando a crença e a opinião são incorporadas à natureza emocional e à toda a estrutura do caráter, as crenças têm poder. Sempre que se perguntam por que uma determinada coisa pôde acontecer a vocês, enquanto estão

convencidos da profundidade do seu pensamento correto, das leis espirituais que tão bem conhecem, podem estar certos de que pelo menos em algum aspecto, interiormente vocês se desviaram. Cabe-lhes descobrir de que maneira em que aspecto e até que ponto se afastam das opiniões conscientes corretas no seu ser, nos seus sentimentos, portanto em seus atos interiores e exteriores. Apesar de saberem perfeitamente que Deus não é uma autoridade nem benigna nem hostil, que Deus nos dá liberdade e cabe a nós nos desenvolvermos, no fundo muitas vezes descobrem que suas emoções são totalmente diferentes desse conhecimento.

Não são apenas os problemas que levam consigo através de muitas encarnações, nem as circunstâncias do seu ambiente na infância e dos pais que contribuem para trazer esses conflitos à tona, mas também a tendência geral da religião estimula o conceito enganoso de obediência – muitas vezes obediência cega. O efeito é o predomínio da impotência, da falsa bondade, do apaziguamento ou do excesso de independência, da rebeldia, da falsa dureza; ou uma combinação de ambos. Nos dois casos, escondem algo e se empenham em provar a si mesmos e aos outros que o que está oculto não existe. No primeiro caso, escondem a revolta e a hostilidade; no segundo caso, escondem impotência e o desejo de proteção, a tendência a apaziguar, a ser “bom”.

Quando procuram, rastreiam, entendem e resolvem essas distorções, não apenas crescem e se tornam seres humanos fortes e infinitamente mais felizes como também contribuem muito mais do que podem imaginar neste momento, para a eliminação da falsa religião e o crescimento da verdadeira religião no mundo em geral.

Esse conceito de obediência, como estimulado e ensinado pela falsa religião, não pode ser compatível com a ideia de um ser humano livre que sozinho pode atingir a divindade. Se for tirada do cerne da religião e das pessoas a obediência cega, a revolta contra o que é verdadeiramente bom, sábio e amoroso terminará, porque ela perderá seu verniz de hipocrisia, a aura de “santarrão”, de falsidade que tantas vezes parece ter. A verdadeira religião, a espiritualidade autêntica, tem como principal objetivo libertar o homem torná-lo forte e não fraco e impotente, torná-lo responsável por si mesmo, sem esperar que a justiça lhe seja entregue de bandeja, mas ele mesmo sendo justo. Quando existe a atitude errada, além de não eliminarem a impotência autoimposta, a incentivam e incentivam também a falsa religião – mesmo que a fraqueza impotente e o apego a uma autoridade tenham forma conscientemente não religiosa. Assim, verão que essa imaturidade e desvios da alma caminham lado a lado com a falsa religião. Tudo que é falso sempre acarreta uma reação igualmente falsa e extremada.

Portanto, descubram em que recessos sutis, profundamente ocultos da sua alma esperam que Deus viva por vocês, tome decisões por vocês, traga os resultados desejados por vocês, proporcione o que poderiam obter por si mesmos, desde que decidissem se tornar seres humanos livres e maduros. Vejam em si esse elemento, que é mais prejudicial do que poderiam imaginar neste momento. Com essa atitude oculta se aleijam. Fazem da religião uma falsa mula.

A falsa religião é mais prejudicial para a verdadeira religião do que o total ateísmo e materialismo, porque cria uma farsa a partir da verdade, da dignidade do ser humano divino e livre, da força divina no homem. Esta dá argumentos verdadeiros aos antirreligiosos. Desta forma, é muito importante descobrirem em que aspectos continuam presos, porque têm medo da independência. A princípio, talvez se perguntem como descobrir esse elemento. Não importa por onde começarem, desde que se concentrem no objetivo. Tomem qualquer emoção negativa – inveja, amargura, medo, impotência, e a mais indicativa de todas a autopiedade. Depois que identificarem esses sentimentos não

será difícil descobrir a persistência que os mantém na infância espiritual e emocional. Comecem a busca nessa direção, mesmo que estejam convencidos de que não se aplica a vocês. Se realmente quiserem descobrirão. Sempre descobriram. Depois de encontrarem esse elemento de insistência inconsciente em permanecer uma criança impotente, em pouco tempo começarão a ver que esse fato é responsável por sua fraqueza, impotência, e o resultante medo da vida. No entanto, combatem isso se tornando ainda mais impotentes, mais temerosos, mais fracos. Uma vez que verdadeiramente enxergarem e entenderem, começarão a mudar. Surgirá uma força em vocês. Não mais esperarão que Deus lhes dê o que deveriam ser fortes o suficiente para obter sozinhos. E isso lhes proporcionará respeito por si e segurança. Enquanto se apegarem a uma autoridade mais forte para evitar o esforço e a responsabilidade, não deixarão de sentir ódio e desprezo por si mesmos. Serão mais fracos e mais impotentes.

Essa autoridade pode assumir a forma de vaga noção de que o mundo em geral precisa ser aplacado, ou a vida em geral ou o destino. Emocionalmente pode assumir a forma de uma determinada pessoa ou pode de fato ser o conceito que fazem de Deus. Leva à imagem de Deus de que falei há pouco. O verdadeiro resultado da falsa religião por um lado e do desejo inconsciente de permanecer na infância de outro; é essa imagem de Deus.

Na transição entre a falsa e a verdadeira religião, há uma fase de vazio. É uma fase realmente difícil. É a etapa em que se sentem sozinhos, porque o falso deus está se desvanecendo e o verdadeiro Deus ainda não se instalou de fato no seu ser. Nesta fase é possível que sua fé fique abalada. Vocês podem ter muitas dúvidas sobre a própria existência de Deus. Tudo isso ocorre por causa da eliminação da falsa segurança, fuga, da muleta que fazem parte da infância espiritual. Como o conceito infantil de Deus de fato não corresponde à realidade, parece por algum tempo, que Deus não existe.

Mas à medida que desaparece o conceito da falsa religião com sua imagem de Deus, mesmo enquanto ainda estão em um sofrido estado de solidão, começa a surgir uma força interior, muito antes de terem consciência dela – desde que naturalmente, vocês não se deixem abalar por esse estado temporário, mas continuem trabalhando com renovado esforço. Precisam estar dispostos a assumir a tarefa de se tornarem inteiros, fortes e dependentes de si mesmos. Precisam querer não se deixar esmagar por esse estado temporário, renunciando à vida e à luta. Se caírem nesse estado, não poderão se tornar livres e fortes, mas poderão recair no conforto enganoso e superficial da falsa religião. Se cultivarem a força, exatamente por se sentirem sozinhos sairão vitoriosos. Estará pronto o caminho para a verdadeira religião, graças à sua atitude e ao seu esforço. Somente assim se livrarão da mão fantasma e do deus fantasma e conseguirão a liberdade do verdadeiro Deus em seu íntimo, depois de terem passado pelo ponto mais baixo da curva – o momento de aceitação da solidão. Essa aceitação, do tipo certo fortalecerá a independência e a responsabilidade por si mesmo, que são essenciais para a criatura-Deus em que vocês desejam se transformar.

Se realmente entenderem essas palavras, não apenas com o intelecto e de maneira superficial, mas depois de terem trabalhado um pouco e detectado as correspondentes correntes, tendências e reações entenderão duas coisas muito melhor:

Uma é a palestra sobre a dualidade: a aceitação da morte, do desconhecido com todas as suas facetas, sendo esse o único pré-requisito da aceitação da vida e da felicidade; não a aceitação da morte com espiritualidade do tipo “*pensamento desejoso*” evitando encarar os medos e as dúvidas; não usando a religião como muleta para fazer desaparecer o medo e a solidão; mas sim encarando o assunto com coragem sem reprimi-lo. Somente então a verdadeira religião e conhecimento poderão substituir a

falsa religião da fuga e a vaga crença que só serve para encobrir o medo que sentem.

A esse respeito, existe reciprocidade. Aceitar a morte e o desconhecido tem relação com aceitar a independência e a responsabilidade por si mesmo. Ambas indicam maturidade espiritual e emocional, liberdade, crescimento, criatividade, força, confiança no eu, verdadeira segurança! Na falsa religião, o clima emocional é: “sou um pecador fraco e impotente. Nada posso fazer sem Deus, sem uma autoridade que me permita ser feliz. Esse Deus tem o direito de ser bom ou mau comigo. Mas se eu obedecer e aplacar, é possível que caia nas boas graças dele, pelo menos é o que espero.”

Da humilhação extrairão humildade. Da concordância submissa e da obediência cega – muitas vezes sem entendimento – evoluirão para um ser forte e responsável por si mesmo, confiantes na sua capacidade de obter o que precisam na vida. Vocês precisam de coragem agora, para renunciar à ilusão da falsa religião, da falsa consolação. Nesse estado transitório se forem até o fim, a força nascerá da verdade.

O segundo ponto que entenderão melhor é a razão pela qual tenho enfatizado nas palestras mais recentes, o lado psicológico e não o espiritual. Ainda será assim por um bom tempo. Nenhum de vocês está livre do papel que a espiritualidade exerce na distorção do seu ser – ou seja, a fuga como substituto da sua fraqueza, como consolação para seus medos, como esperança de aplacar Deus para que Ele lhes dê o que poderiam facilmente obter por esforço próprio, se descobrirem o que impede esse esforço. Quando a religião é um substituto pode ajudar durante algum tempo. Pode amenizar o medo irracional. Mas, a longo prazo os tolhe e à sua possibilidade de crescerem. É por isso que às vezes eu não digo a verdade, porque seu subconsciente faria mau uso desta, não entenderia. Mas quanto mais esses problemas são resolvidos, mais seguro será lhes dizer a verdade, sem medo de enfraquecê-los. Nesse momento, a religião virá da sua própria força e não como uma imposição de fora. Virá de dentro e não como inconscientemente, agora esperam de fora. O fato de desenvolverem seus recursos e força, ao invés de obtê-los de um ser exterior, não diminui a sua divindade – muito pelo contrário. Isto entendido não se importarão com a volta esporádica a uma abordagem mais psicológica. No entanto, cada vez mais voltaremos à abordagem espiritual, para ver como os desvios psicológicos, as imagens, as conclusões erradas e as falsas soluções entram em contradição direta com a espiritualidade que é a meta de todos vocês. Então e somente então, entenderão plenamente que não são dois assuntos sem relação entre si, mas sim que um é parte integrante do outro.

Agora, meus amigos, alguém quer fazer perguntas sobre esse tópico?

PERGUNTA: você poderia explicar o que é a verdadeira religião, em comparação com a atitude errada? Onde entra a crença em Deus, se você não acha que Ele é uma ajuda? Não consegui entender esse ponto.

RESPOSTA: sentirá que Deus é uma ajuda quando você chega à verdadeira religião, depois de abandonar a muleta, mas em um sentido totalmente diferente. Agora, precisa da ajuda de Deus porque se faz impotente. Depois, sentirá a ajuda de Deus porque perceberá a perfeição do universo e suas leis, a força delas, das quais você é uma parte integrante, contributiva. Verá que você é a força motriz da sua vida. Você pode ajudar a si mesmo se realmente quiser se estiver pronto a sacrificar algo. Vamos dizer que queira a felicidade em certo sentido – não é um sentimento vago, é um objetivo claramente definido. Você investigará e descobrirá de que forma até agora impediu essa felicidade, e o que pode fazer para consegui-la por esforço próprio. Entenderá o que isso exige de si e

cabará a você atender a essas exigências por ter concluído que vale a pena, ou não. Mas não haverá mais a sensação pungente de ter sido uma criança menosprezada e injustamente tratada. Essa é a maturidade espiritual e emocional, a verdadeira religião. O papel de Deus não é lhe proporcionar as coisas que você não quer obter por conta própria. Mas a consciência de Deus é que o mundo d'Ele é tão maravilhoso que você tem muito mais poder do que havia percebido até agora, bastando para isso que se coloque em movimento, afastando obstáculos, bloqueios, cobiça, comodismo, covardia.

A falsa atitude religiosa se manifesta quando você pede que Deus o ajude a superar uma dificuldade da vida, e depois cruza os braços e fica esperando. Você não reflete o suficiente para descobrir por que ocorreu essa dificuldade. Pode até fazê-lo por ordem de outra pessoa, em posição de responsabilidade. Mas mesmo enquanto procura fazer esse exame, existe sempre o intuito interior de provar que nesse caso, você não tem nada a ver com a dificuldade. Ela sobreveio a você imerecidamente, e não há saída a não ser com a graça de Deus. Não há vontade interior e energia para descobrir como você pode encontrar a saída, usando a criatividade. Deus está em você. As forças divinas estão em você, desde que as mobilize, ao invés de esperar que venham de fora. A mobilização dessas forças só pode acontecer se você abandonar alguma atitude prejudicial, algo destrutivo que também lhe cabe descobrir o que é. A força e a segurança provenientes dessa atitude proporcionarão um relacionamento totalmente diferente entre você e Deus, um conceito totalmente diferente. Do ponto de vista emocional, o conceito e o clima interior serão diferentes. As palavras, muitas vezes, são as mesmas. Muitas vezes, as palavras da verdadeira e da falsa religião são as mesmas. No entanto, a experiência interior é completamente diferente. Tanto na falsa como na verdadeira religião, pode-se dizer que a graça de Deus existe. Mesmo que se esteja por conta própria, a graça existe. Mas esse entendimento não ocorrerá se você não se equilibrar nos próprios pés. Enquanto esperar que a graça de Deus compense sua preguiça e cobiça se decepcionará quer ou não admita isso para si mesmo. Assim, se torna magoado, zangado e revoltado. Então ou vira totalmente as costas a Deus, negando Sua existência no universo, ou se considera um caso isolado de negligência, em parte não merecedor da Sua graça e ajuda, e em parte tratado injustamente. Desta forma, prosperam a culpa e a autopiedade. Com isso, você fica mais dependente e impotente. E assim segue o círculo vicioso – você compensa a revolta contra Deus procurando aplacá-lo ainda mais com uma obediência temerosa totalmente superficial e ocasionada pelas mais doentias motivações.

PERGUNTA: entendi. Mas o que fazer? Essa imagem de Deus está tão arraigada em nós a tantas décadas de falsa atitude. Isso quer dizer que se nos afastarmos desse conceito, a prece também deve mudar? A atitude toda mudaria? Tudo mudaria?

RESPOSTA: Sim, é claro que sim. Veja, meu filho, você não pode dizer “agora me afastarei da minha imagem de Deus.” Não é algo a ser decidido com a mente. Não é assim que funciona. O impacto emocional permaneceria, caso tentasse mudar por simples decisão interior. Para tomar a decisão interior, o procedimento precisa ser o mesmo que sempre foi neste trabalho. A maneira de proceder é descobrir essas atitudes e entendê-las da maneira mais profunda e completa. Se isso for realmente feito não apenas superficialmente, você se surpreenderá ao descobrir a que meios extravagantes recorrem para manter a força a infância e por quais motivos específicos. Depois que analisar e compreender determinados padrões de comportamento emocional, verá como estes são absurdos, como são incompatíveis com as crenças conscientes, como são contrários aos seus interesses e logicamente impossíveis, porque estão sempre em conflito com tendências contrárias. Depois de ver e entender tudo isso, a mudança ocorre naturalmente. É necessário certo período de auto-observação para obter compreensão completa e poder mudar. Você não pode começar dizendo “agora me livrarei da minha imagem de Deus.” O único meio é descobrir essas reações emocionais sutis e discretas.

Estas não são nem óbvias nem acentuadas. Tampouco são totalmente inconscientes. Existem, mas são tão sutis, e estão tão acostumados a elas que não veem nada errado. Identificá-las e analisá-las é o primeiro passo e o passo seguinte é considerá-las à luz do que foi exposto aqui. Isso ajudará a eliminar e dissolver a imagem de Deus, porque a sua atitude mudará naturalmente. Descobrirá, por exemplo, quais são suas verdadeiras expectativas, quais são suas queixas interiores. Descobrirá o que você mesmo faz para transformar essas expectativas em realidade e entender por que isso ainda não aconteceu. Esse deve ser o procedimento.

O simples fato de estar consciente dessa imagem de Deus é extremamente favorável, porque há muitos outros que ainda não têm essa consciência. Estão convencidos de que não têm distorção alguma a esse respeito. Não associam determinadas reações emocionais a essa imagem de Deus à atitude de falsa religião. Estão atentos apenas para a crença consciente correta, enquanto os conhecimentos inconscientes ainda estão muito longe da percepção.

PERGUNTA: Qual religião é a mais distante da verdade?

RESPOSTA: Não se pode dizer isso. Não se pode fazer tal afirmação. Pode ser que uma denominação religiosa tenha mais ensinamentos verdadeiros, mas outra com menor número pode estar mais próxima da verdade no geral. Além do fato de que seria perigoso fazer comparações, isso não é importante.

PERGUNTA: Uma das últimas coisas que Cristo disse foi “Pai, seja feita Tua vontade.” Se tomarmos isso como exemplo, tanto poderia ser obediência como poderia ser liberdade.

RESPOSTA: exatamente. Como eu disse antes, muitas vezes as palavras são as mesmas. É muito fácil interpretar mal a verdade porque a essência da verdade está na disposição e na capacidade de entender. Por exemplo, com base no que expus esta noite, você poderia dizer que não existe a graça de Deus. Se o homem deve ser livre e independente, onde entra a graça? Não haveria necessidade. Mas, não é verdadeiro. A graça existe. No entanto, não existem palavras para transmitir a verdade do conceito da graça, a menos que você já tenha atingido essa verdadeira experiência religiosa interior. Quando não mais precisa da graça como substituto da sua fraqueza, quando não precisa transformar sua fraqueza em trunfo, é porque já se tornou forte. Durante algum tempo, você vive sem o entendimento da graça. Depois, o verdadeiro conceito da graça se manifesta. Em outras palavras, primeiro é preciso passar por esse estado intermediário de solidão. Os grandes místicos designam esse período de “noite escura”.

A interpretação correta das palavras que acaba de mencionar, “Seja feita a Tua vontade”, é a seguinte: “deixarei de lado minha própria vontade individual, minha visão limitada, e abrir-me-ei para que o Divino venha a mim.” Ele não virá de fora, mas sim de dentro como profundo conhecimento e certeza, mas vocês não se dissociarão dessa percepção. Não será uma questão de “ou eu ou Deus”. Ambos serão um, mas somente pode acontecer se vocês se entregarem, se deixarem de ser rígidos. Esse é o verdadeiro sentido. O falso sentido dessas palavras torna o homem fraco, obtuso e sem alternativa a não ser deixar que outro ser atue em seu lugar, decida por ele. Esse outro ser é muitas vezes uma autoridade humana ou uma Igreja que alega agir em nome de Deus. “Seja feita a Tua vontade” não significa obediência. Significa abrir-se o máximo possível para que uma sabedoria maior passe a fazer parte de você.

PERGUNTA: pelo que disse, fica claro que a religião é questão de desenvolvimento de cada

alma até o ponto de excelência pelo crescimento através da pesquisa e do autoconhecimento. No entanto, as igrejas exerceram papel predominante por muitos anos. Assim, parece que a função da igreja em algum momento chegaria ao fim.

RESPOSTA: Sim, de fato acabará. Quando mais pessoas seguirem um caminho de autoconhecimento, de crescimento, de desenvolvimento de seus recursos não precisarão mais de autoridade. E com relação àqueles que ainda não tiverem avançado muito no desenvolvimento, a lei humana será suficiente para proteger a sociedade dos elementos indomados e destrutivos. O verdadeiro divino somente pode operar em almas livres, e assim acontecerá. Toda a tendência da história aponta nessa direção.

PERGUNTA: Você nos falou de companheirismo e inter-relacionamento. Às vezes, a pessoa precisa ficar sozinha. Qual é o tipo certo e qual é o errado?

RESPOSTA: Há uma resposta simples para essa pergunta, embora não facilmente identificável. Quando vocês investigam suas reações emocionais e querem companhia por medo de estar sozinhos, a necessidade de companhia surge ao menos em parte, pelo motivo errado. Se querem a solidão por medo de se envolver, por medo das pessoas porque o aspecto de recolhimento é muito forte, a necessidade de solidão surge, também pelo menos em parte, pelo motivo errado. Em outras palavras, ambos podem ser saudáveis e ambos podem ser doentios. Um ser humano integrado precisará das duas coisas, sempre por motivos construtivos e não para evitar algo que teme. A resposta verdadeira só pode ser obtida depois de um sério autoexame.

Cada vez mais, verão que a verdade não pode ser enunciada como uma lei rígida. Sempre depende da maneira como se sentem e das motivações que estão por trás.

PERGUNTA: procuro encontrar palavras para expressar meus conflitos interiores. As palavras parecem exageradas. Como posso compatibilizar minhas palavras com o que descubro na investigação?

RESPOSTA: em primeiro lugar, precisa entender melhor a razão do exagero, da dramatização. Depois que entender isso, a necessidade diminuirá. Haverá uma relação mais proporcional entre uma coisa e outra. Aqui também o remédio é não usar autodisciplina para parar com isso. Mesmo se conseguisse, surgiria outro sintoma (talvez mais prejudicial). Ao contrário, use essas manifestações como o sintoma útil que são.

PERGUNTA: posso fazer isso tentando avaliar as palavras?

RESPOSTA: Certamente. Isso seria parte do seu trabalho privado – quais palavras usa, e por quê.

PERGUNTA: é muito comum o subconsciente ter muita facilidade em conversar com outro subconsciente. Mas às vezes há uma barreira tão forte que não se consegue penetrar. A outra pessoa pede uma resposta, mas não escuta e não consegue chegar até ela.

RESPOSTA: A pessoa que faz a pergunta quer apenas uma resposta qualificada. Ou seja, quer uma resposta compatível com suas defesas. Não quer uma resposta que julgue desagradável. Isso provoca uma resistência interior tão forte que ela não consegue ouvir. Não consegue absorver o que

dizem para ela. A atitude em relação a uma pessoa com esse tipo de mentalidade é não forçar. Quanto mais existir uma força interior para vencer a resistência, mais sentirá frustração e impaciência. Isso fatalmente afetará a outra pessoa e aumentará sua resistência. Além disso, é extremamente proveitoso analisar a razão da sua frustração e impaciência. Pode ser mais que boa vontade de ajudar. De alguma forma, pode parecer que a sua capacidade está envolvida. Ou a aceitação da verdade pode ter uma urgência que não é realista. Sempre que existe uma corrente assim, instaura-se um efeito reciprocamente negativo que piora os problemas anteriores das duas pessoas. No entanto descobrir que papel interior oculto você exerce, que fez com que isso se tornasse um problema, será mais útil e benéfico, possivelmente até para as duas partes. Se não houvesse tendências negativas ou problemáticas em você teria facilidade de aceitar a limitação do outro. Você sabe disso. Essa é uma resposta geral que se aplica a muitas pessoas.

Se alguma coisa do que eu disse hoje não ficou clara, explicarei melhor da próxima vez. Que esta primeira palestra do ano lhes dê não apenas material para reflexão, mas também ajude a trazer à tona sentimentos dos quais não têm consciência. Que essas palavras tenham repercussões emocionais em vocês. Se deixarem que esta palestra atue, provocará muita agitação! Isso é bom. Partirei deixando todas nossas bênçãos para o ano que se inicia e para o trabalho que vocês têm pela frente. Sim recebem ajuda, mas procurem identificar como de alguma forma, pensam na ajuda como um fator exterior, sem muito a ver com suas iniciativas e esforços e não como algo que em primeiro lugar mobilizam dentro de si mesmos.

Com isto meus queridos, sejam abençoados! Amor e paz para todos. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.